

O ENTRE-LUGAR EM CRIAÇÕES FICCIONAIS DE AUTORAS CANADENSES

Nubia Hanciau*

Conforme o que se tem visto neste Simpósio Brasil/Canadá: Transferências Culturais, o confronto nas Américas, provocado pelo encontro de múltiplas escrituras, portadoras de valores e de tradições distintas, quer sejam elas de origem estrangeira, quer oriundas de um espaço geográfico comum, representa uma inarredável ocasião para que se reflita a respeito do papel representado pela literatura na história e na sociedade canadense e brasileira. Do ponto de vista da literatura comparada – que se preocupa com o encontro das diferenças –, múltiplas instâncias de mediação cultural têm sido aqui envolvidas como elementos de inter-relação comuns aos distintos universos socioculturais, na construção dos valores literários. Entre eles, as trocas e as transferências (a transculturação) refletem as relações estabelecidas entre os centros de produção e as margens ou fronteiras e dão origem a novos termos e conceitos.

Recentemente, no XVII encontro da ANPOLL, o GT Relações Literárias Interamericanas discutiu a respeito dos termos que farão parte de uma publicação, provavelmente intitulada *Glossário de conceitos fundadores do comparativismo interamericano*, que tentará mapear os conceitos identitários e literários que surgiram desde as vanguardas e transitaram pelas Américas até o final do século XX. O objetivo desse livro é responder à real necessidade de melhor conhecer o sentido, a origem, o entrecruzamento e a superposição de definições utilizadas por teóricos em várias partes do continente americano, que correspondem a realidades culturais semelhantes. Muitos desses termos e conceitos têm diversas origens e ressignificações, ora antropológicas, ora literárias, ora socioculturais e operam na tentativa de definir o estatuto da

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande/RS/Brasil.

cultura americana, particularmente da literatura dos países da América, em oposição à literatura européia.

Os verbetes ensaísticos reunidos no glossário são eminentemente teóricos, seguidos de uma apreciação crítica dos autores. Americanidade/americanização; antropofagia; barroco/neobarroco; boom/pós-boom; criouldade/crioulização e entre-lugar estão entre os primeiros de uma lista de vinte termos. Esta apresentação, desdobramento dos pressupostos teóricos investigados e apresentados na ANPOLL, é uma aplicação breve e livre do termo “entre-lugar” na produção literária de quatro grandes autoras francófonas canadenses (nascidas ou que produzem no Canadá).

O termo entre-lugar, como se sabe, foi cunhado pelo brasileiro Silviano Santiago, nos anos 70, quando vivia nos Estados Unidos, e de lá definiu este espaço intermediário e paradoxal no ainda hoje atual ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”¹. Além de discutir o lugar que ocupa o discurso literário das Américas em confronto com o europeu, Santiago indaga-se a respeito do que é produzir cultura e literatura em província ultramarina, analisando as relações entre as duas civilizações, completamente estranhas uma à outra, cujos primeiros encontros situaram-se no nível da ignorância mútua. Para ele, no renascimento colonialista está a origem de uma nova sociedade, mestiça, cuja principal característica é a reviravolta que sofre a noção de unidade e pureza, contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa que se dá entre o elemento europeu e o autóctone e que leva à abertura do único caminho possível para a descolonização (Santiago, 2000, p. 15).

¹ *Uma literatura nos trópicos* (2000). A grafia da palavra é encontrada indiscriminadamente com ou sem hífen. “Ou bem nos explicamos, ou bem nos constituímos”, eis, para Santiago, o falso dilema do intelectual brasileiro, que gera, em sua simplificação, todas as formas de discurso autoritário, tanto o populista, quanto o integralista. É preciso buscar a explicação da constituição brasileira (leia-se da inteligência) através de um entrelugar ou através de uma “dialética rarefeita” [...]. “Nem cartilha populista, nem folclore curupira – eis as polarizações que devem ser evitadas a bem do socialismo democrático (Santiago, 1982, p. 18).

Uma década mais tarde, Edouard Glissant, em *Le discours antillais*, vai falar de um lugar intervalar, que retoma em *Poétique de la relation* (1990) e em *Introduction à une poétique du divers* (1995). Na mesma década, Homi Bhabha, em *Nation and narration* (1990), aponta para as confluências estéticas entre as literaturas das três Américas e refere um espaço de trocas e mudanças, sempre movediço, nunca fixo, um “terceiro espaço”, novo, intersticial, que tem por objetivo abalar ou ultrapassar as oposições binárias insinuadas nos “sistemas de pensamento” e nos “pensamentos de sistema”. Nele caberia examinar as rupturas das convenções e das práticas de escritura, aquelas que rompem com o realismo para abrir outras possibilidades emergidas da estrutura indefinível das fronteiras da cultura híbrida.

Mais tarde, em *O local da cultura* (1994-1998), Bhabha considera o tropo do tempo atual colocar a questão da cultura na esfera do “além”. Para ele, nossa existência marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente”, não parece encontrar nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”: pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-feminismo..., termos que indicam insistentemente o além. Estar no “além” é encontrar-se em trânsito, habitar um espaço intermediário, nem um novo horizonte, nem um abandono do que foi. Espaço e tempo, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão entrecruzam-se para produzir figuras complexas de diferença e identidade. Residir “no além” é ser parte de um tempo revisionário, que retorna ao presente para redescrever a contemporaneidade cultural, reinscrever a comunidade humana, histórica, “tocar o futuro em seu lado de cá” (Bhabha, 1998, p. 12). O espaço intermédio “além” torna-se assim, um espaço de intervenção no aqui e no agora.

Mas pensar o terceiro espaço, o resíduo, o *resto* das formações ontológicas, não é apenas contribuir para o entendimento cultural da literatura das Américas; é também estudar o modo como certos textos reagem contra todo possível “entendimento cultural” e o transbordam porque

meditam um *punctum*, uma ferida, uma rachadura interior com força suficiente para comover a construção acadêmico-institucional que pretenda enterrar esta experiência. A prática do terceiro espaço supõe renunciar à apropriação do texto – supõe deixar que o texto entre, enquanto tal, em sua própria morte, *oscuro goce*, no dizer do teórico chileno Alberto Moreiras, em *El tercer espacio*², não por acaso assim intitulada.

Muitas são as variantes para denominar essas “zonas” criadas na virada de século pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade. *In-between*, para Walter Mignolo e Serge Gruzinski; zona de contato, para Mary Louise Pratt; Régine Robin denomina *hors-lieu*, caminho do meio, para Zilá Bernd; zona de fronteira, para Sandra Pesavento, figuram entre as múltiplas acepções hoje empregadas para definir as mediações, que bem representam o tempo de hoje na vida, na cultura e na literatura.

Uma das figurações-símbolo do “terceiro espaço” nos conduz à literatura migrante, principalmente ao Canadá, que recebe grande número de imigrantes provenientes de diferentes culturas. A nova categoria de escritores de origem estrangeira produz o que Simon Harel chama de literatura das comunidades culturais, categoria que traduz uma modificação profunda na cartografia literária da província de Quebec. Mudam os parâmetros do discurso social, que implode com a relação de identidade e de territorialidade, criando um espaço *flou*, pouco consistente.

Essas comunidades vão lidar com dois horizontes culturais: o do país, da cultura (ou ainda da língua) de origem e o do país de chegada. Este vaivém entre as duas heranças gera uma escritura e uma proposta identitária que se situam num entre-lugar, construído a partir do olhar voltado para uma e outra margem. Em alguns casos, a problematização da origem na escrita ficcional migrante desenvolve-se no eixo do homogêneo e do heterogêneo. Em outros, a renúncia

² *Tercer espacio: duelo y literatura en América Latina* (1999).

cultural torna-se o próprio território da criação e o lugar da realização de uma nova configuração identitária. Entre os dois pólos despontam numerosos pontos de interseções – coexistência intercultural, mal-estar da origem, esquizofrenia, utopia da fraternidade e da relação de irmandade –, que se desenvolvem como uma rede, respondendo-se e contestando-se.

Diferentemente do que ocorre com autoras/es canadenses nascidas/os em outros lugares ou pertencentes a meio cultural mestiço, os movimentos transculturais desenvolvem-se entre as grandes escritoras, nascidas no Canadá, que se dividem entre as que ficam e as que partem, entre as que permanecem no exílio e as que voltam. Anne Hébert e Nancy Huston – *best-sellers*, premiadas e estudadas na academia – estão entre as que ganharam o mundo. A primeira abandonou a paz do Quebec pela descoberta; a família pela aventura e conhecimento na matriz européia. Abandonou o São Lourenço pelo Sena, embora o centro de sua ficção em *Kamouraska* (1970), *Les fous de Bassan* (1982) e *Le premier jardin* (1988) tenha sido a província natal, um lugar visto de longe, reconstruído na memória como metáfora, até Anne Hébert voltar, idosa, quando a reintegração é apenas uma fatalidade física, e não uma escolha consciente ou literária.

Mais por razões pessoais do que políticas, Nancy Huston até hoje vive em exílio voluntário em Paris ou na região do Berry, na França, após ter deixado a língua materna, o inglês, quase tão radicalmente como deixou há mais de trinta anos a província natal, a Alberta, no Canadá. No ensaio “Por um patriotismo da ambigüidade. Notas em torno de uma viagem às origens”³, ela relata a volta e o quanto considera difícil, e até mesmo desestruturante, não coincidir com nenhuma identidade. Contudo, Huston tributa a essa coexistência desconfortável (de duas línguas e de duas maneiras de ser) o sentimento de se sentir profundamente canadense.

³ Traduzido do francês por Nubia Hanciau, in HANCIAU, Nubia; SANTOS, Eloína; CAMPELLO, Eliane (orgs.). *A voz da crítica canadense no feminino*, 2001, p. 213-234.

Dir-se-ia que identidade do entre-dois tem isto de particular: é preciso saber tanto fazer a ruptura quanto a ligação, evitando a armadilha de ficar fora de um e de outro lado, em situação de alienação. Para Huston, escrever o *retour au pays natal*, em *Cantique des plaines* (1993)⁴, representa uma urgência para evitar que as imagens do país de origem se dissolvam. É no turbilhão do entre-lugar literário que ela tem consciência de que a identidade nunca é definitivamente adquirida; mas confunde-se na trama dos gestos do passado. Cabe então perguntar, quando da leitura da obra dessa grande escritora: esse mal-estar e agudo sentimento de ambigüidade não seriam finalmente mais sadios do que o patriotismo ruidoso e agressivo praticado ainda atualmente em muitos lugares do mundo? A fragilidade dos laços com a terra natal não redundaria mais em trunfo do que em *handicap*?

A numerosa produção romanesca de Huston no final do século, anos 80 – iniciada com *Variations Goldberg* (1981), *Histoire d'Omayya* (1985), *Trois fois septembre* (1989) publicados pelas Edições Seuil, em Paris; nos anos 90, *Cantiques des plaines* (1993), *La virevolte* (1994), *Instruments des ténèbres* (1996), *L'empreinte de l'ange* (1998) e *Prodige* (1999), e, na virada do século, *Dolce agonia* e *Visages de l'aube* (2001), estes últimos, publicados em conjunto pelas edições Actes Sud (França) e Leméac (Canadá), premiados em sua maioria, vêm certamente atestar o peso favorável de um espaço transicional para a literatura de Nancy Huston.

De longe, Hébert e Huston – escritoras que escolheram ser “partidoras” –, ao cantar sua universalidade, transformam o país que um dia abandonaram em mito e poesia. De longe pedra e gente viram linguagem, poética do exílio. Ambas representam duas formas de afastamento em direção à França, à *mater*, que as reintegra e revela. A província natal ou a descoberta; ficar ou partir... Dois exílios: o da que volta e o da que permanece no lugar de eleição. No caso de Hébert,

⁴ Ver o ensaio “Nancy Huston, uma francesa adotiva, que volta ao Canadá, aceita sua história e suas origens e canta as planícies albertanas”, de Nubia Hanciau, in PORTO, Bernadette V. (org.). *Fronteiras, passagens e paisagens da literatura canadense*, 2000, p. 143-159.

ela passa uma parte da vida na outra margem. Só retorna definitivamente à América e à província natal para aguardar o fim de seus dias. Em Huston, a volta à língua da infância, da mãe, da afeição e à vida original que ficaram para trás, nada mais foi do que uma experiência, um passeio.

É Nicole Brossard, nascida em Montreal, quem revela, em “Vinte páginas entrecortadas de silêncio”⁵, sentir-se cada vez mais em outro lugar, que carrega como um espaço imaginário aberto para o passado em cada uma de suas curvas. Nesse espaço, Brossard coloca-se facilmente do lado das pessoas e das coisas que ama, tornando-se contemporânea de Leonardo da Vinci, do barroco siciliano, de Marie de l’Incarnation, de Gaston Miron e de Anne Hébert; do leitor, de seu computador e seus netos, livre para existir e circular em toda parte, no saber, na arquitetura, entre as civilizações. Ela diz: “aqui ou lá, desaparece-se apesar de tudo”. Escrever é para Brossard, por definição, estar em outro lugar (na lua, nas nuvens); é estar entre “de onde parti” e “lá onde ainda não cheguei”. E neste entre-dois, escutar atentamente, flutuar entre as imagens, refletir e delirar sobre o sentido da vida.

Em *La lettre aérienne* (1985), obra em que se concentra o essencial das reflexões brossardianas a respeito da escritura, da modernidade, da emergência, da sobrevivência de uma identidade lésbica e de uma cultura no feminino, os textos “derivam” em direção ao que ela chama de “continente das mulheres”. No limite do real e do fictício, entre o que parece possível ser dito, escrito, mas que no ato da escritura se revela muitas vezes impensável, entre o que parece evidente e o inconfessável, no último minuto, é que se traça uma escritura da deriva, da mulher, contida pelos simbolismos patriarcais, nas margens, por muito tempo; um espaço mental

⁵ Traduzido do francês por Maria Bernadette V. Porto, in HANCIAU, Nubia; SANTOS, Eloína; CAMPELLO Eliane (orgs.), *A voz da crítica canadense no feminino*, 2001, p. 17-40.

onde se faz a história, carregado de possibilidades e de uma perspectiva que desloca alegremente o sentido.

Ao associar errância, criatividade e consciência nômade que resiste às representações tradicionais dominantes do eu, as escritoras criam novos laços entre diversos seres e relações inclusivas. Próxima de Hébert, de Huston e de Brossard, Régine Robin faz parte da corrente de autoras quebequenses imigrantes que ultrapassam em sua escritura a idéia de construção nacional, na qual o país é o centro nevrálgico. Ao promover uma estética textual híbrida, que comporta a autobiografia, a ficção entre outros gêneros que se imbricam, ela concretiza na literatura o que chama de *hors lieu*, um lugar de encontro entre o real e o imaginário, um espaço intervalar favorável a todas as experimentações⁶.

Em *La Québécoise*, Robin diz: “Désormais le temps de l’ailleurs, de l’entre trois langues, de l’entre-deux alphabets, de l’entre-deux mers, de l’entre-deux mondes, l’entre deux logiques, l’entre deux nostalgies”⁷. Ela também acredita que é fecundo para a escritora ser uma estrangeira no mundo, em todos os mundos onde se encontra. O olhar estrangeiro é o olhar da descoberta, da surpresa, do aprofundamento. Muito enraizada no lugar, é impossível escrever verdadeiramente a respeito desse lugar. Mitifica-se. Ser nômade, embora difícil, é finalmente benéfico. Essa concepção vai ao encontro das reflexões do haitiano/quebequense Maximilien Laroche em “L’éloge de l’île”, para quem “O estado normal de um indivíduo é a mobilidade. Viver é movimentar, deslocar-se entre os lugares”⁸.

Finalizando, o “entre” é o sinal, não de um hermenêutica a qualquer preço, mas de uma vontade de realçar o próprio de uma escritura, em sua força e fogo, no sulco que ela traça ou

⁶ Ver Levemfous, Sérgio, *Fragments de l’imaginaire juif dans La Québécoise*: l’exercice de tradition et rupture dans le devenir québécois. Dissertação (Mestrado), UFRGS, 2001.

⁷ [Doravante o tempo do além, do entre-duas línguas, do entre-dois alfabetos, do entre-dois mares, do entre-dois mundos, o entre-duas lógicas, o entre-duas nostalgias]

⁸ In ANDRÉS, Bernard; BERND, Zilá (orgs.), *L’identitaire et le littéraire dans les Amériques*, 1999, p. 255.

devasta, profundo, publicando regras-pistas e regras-caminhos. Em vez de deter-se frente a uma imagem, uma alegoria ou exotismo⁹, a tal aspecto isolado, o entre permite continuar, empurrando a imagem e a alegoria, incitando à reflexão, fazendo entrar em reflexão. O entre-lugar abre o espaço para o debate, entre outros, sobre a hibridação, a mestiçagem, a transculturação. E, sobretudo, para o que propõe este VIII Congresso da ABRALIC, e o que se tem feito neste simpósio, para a interlocução e as mediações.

Bibliografia

- LEQUIN, Lucie. Movimentos da transcultura. Trad. de Véra Reis. In: HANCIAU, Nubia CAMPELLO, Eliane; SANTOS, Eloína (orgs.). *A voz da crítica canadense no feminino*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.
- ANZALDÚA, Glória. *Borderland/La frontera*. San Francisco: AuntLute, 1987.
- _____. La conciencia de la mestiza: towards a new consciousness. In: KAUFFMAN, Linda S. (ed.). *American feminist thought at century's end: a reader*. Cambridge (USA): Blackwell, 1994.
- BARBOSA, João Alexandre. *A leitura do intervalo*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- BERND, Zilá (org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- _____. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: COLÓQUIO DO NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA ALTERIDADE: Alteridades em Questão. Belo Horizonte: *Anais...* PUC-MG, 17-18 nov. 2001.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.
- _____. DisseminNation: time, narrative, and the margins of the modern nation. In: _____. *Nation and narration*. London; New York: Routledge, 1990.

⁹ Pode-se pensar no fenômeno muito primário do exotismo, que mostra os excessos da paisagem brasileira, conforme foi mostrado no trabalho “Deslocamentos culturais nas Américas”, de Sandra Almeida, a respeito da produção literária (no Brasil, anos 50), de P. K. Page e Elisabeth Bishop, ambas igualmente escritoras do “entre-lugar”: quanto mais a realidade “referencial” é distanciada do cotidiano, maior a dificuldade em confrontar esse referencial a um “real” conhecido. Pode-se então fazer a hipótese de que, neste caso, a leitura referencial será menos crítica, mais inclinada a aceitar o que é mostrado, no momento em que é apresentado.

- BROSSARD, Nicole. *La lettre aérienne*. Montréal: Les Éditions du remue-ménage, 1988.
- _____. Vinte páginas entrecortadas de silêncio. Tradução: Bernadette V. Porto. In: HANCIAU, Nubia; CAMPELLO, Eliane; SANTOS, Eloína (orgs.). *A voz da crítica canadense no feminino*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.
- GLISSANT, E. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- _____. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Presses de l'Université de Montréal, 1995.
- GRUZINSKI, Serge. *La pensée métisse*. Paris: Fayard, 1999.
- HANCIAU, Nubia. *A feiticeira, personagem histórica e ficcional em três escritoras da América francesa*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- HANCIAU, Nubia; CAMPELLO, Eliane; SANTOS, Eloína; (org.). *A voz da crítica canadense no feminino*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2001.
- LAROCHE, Maximilien. L'éloge de l'île. In: ANDRÈS, Bernard; BERND, Zilá (dir.). *L'identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Montréal: Nota Bene, 1999.
- LEVEMFOUS, Sérgio. *Fragments de l'imaginaire juif dans La Québécoite: l'exercice de tradition et rupture dans le devenir québécois*. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, 2001.
- MAFFESOLI, M. *Du Nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris: Le Livre de Poche, 1997.
- MARGENS/MARGENES. Caderno de Cultura, Belo Horizonte/Mar Del Plata, n. 1, 2001.
- MIGNOLO, Walter D. *Local histories/Global designs*. Princeton University Press, 2000.
- MOREIRAS, Alberto. *Tercer espacio: duelo y literatura en América Latina*. Santiago: ARCIS/Lom, 1999.
- _____. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.
- NOVAES, Adauto (org.). *A outra margem do ocidente: Brasil 500 anos, experiência e destino*. São Paulo: Minc/Funart: Companhia das Letras, 1999.
- PESAVENTO, Sandra (org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2001.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Guerra. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- SANTIAGO, S. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

- _____. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SOUZA Eneida Maria de. Nem samba nem rumba. *Margens/Margenes*. Caderno de Cultura, Belo Horizonte/Mar Del Plata, n. 1, maio 2001.
- THIRDSPACE Disponível em: <<http://www.thirdspace.ca>> Acesso em: 7 mar. 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *La conquête de l'Amérique: la question des autres*. Paris: Seuil, 1982.